



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

ISSN: 1695-7121

info@pasosonline.org

Universidad de La Laguna
España

Eniele Sonaglio, Kerlei

Contribuições do paradigma transdisciplinar para o ecoturismo

PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 9, núm. 1, enero, 2011, pp. 147-159

Universidad de La Laguna

El Sauzal (Tenerife), España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88116214012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Contribuições do paradigma transdisciplinar para o ecoturismo

Kerlei Eniele Sonaglioⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Resumo: O ecoturismo vem sendo planejado com base em diferentes paradigmas, destacando-se principalmente o sistêmico. Apesar dos progressos ocorridos no planejamento e gestão do turismo desde a década de 1950, há muito a ser aprimorado, visto que diversas intervenções ecoturísticas, principalmente nos países em desenvolvimento, têm sido mal sucedidas, do ponto de vista da sustentabilidade. Neste artigo, apresentar-se-á o paradigma transdisciplinar, caracterizado pelo “olhar complexo”, e a sua contribuição para o planejamento e gestão do ecoturismo.

Palavras-chave: ecoturismo; planejamento turístico; interdisciplinaridade; paradigma sistêmico; transdisciplinaridade.

Title: Contributions of transdisciplinary paradigm for community-based tourism

Abstract: The ecotourism is being planned based on different paradigms, especially the systemic paradigm. Despite the progress occurring in the planning and management of tourism since the 1950s, there is much to be improved, because various ecotourist interventions, especially in developing countries, has been unsuccessful, in terms of sustainability. In this article, will be presented transdisciplinary paradigm, characterized by “complexity”, and its contribution to the planning and management of ecotourism.

Keywords: ecotourism; tourism planning; interdisciplinary; systemic paradigm; transdisciplinarity.

ⁱ Bacharel em Turismo (ESTH/Brasil), Mestre e Doutora em Engenharia Ambiental (UFSC/Brasil). Professora Adjunto I da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil). kerlei@ufrnet.br.

Introdução

O ecoturismo vem sendo planejado com base em diferentes paradigmas, destacando-se principalmente o sistêmico. Apesar dos progressos ocorridos no planejamento e gestão do turismo desde a década de 1960, há muito a ser aprimorado, visto que diversas intervenções turísticas no Brasil têm sido mal sucedidas, do ponto de vista da sustentabilidade.

O ecoturismo, principalmente no Brasil, está alicerçado em pilares que ainda revelam uma perspectiva simplificadora da realidade complexa na qual está inserido, embora que a base teórica atual que norteia as estratégias de planejamento e gestão do fenômeno seja a sistêmica, de caráter interdisciplinar.

A luz da lógica sistêmica, o ecoturismo tem sido pensado e planejado e têm-se um cenário expressivo de intervenções ecoturísticas mal sucedidas. Assim, sob a mesma lógica (a sistêmica), tenta-se resolver os problemas resultantes do turismo em suas diversas dimensões: social, econômica, ecológica, cultural, espacial e política. O planejamento e a gestão do ecoturismo, embora tentem considerar as prerrogativas de sustentabilidade, reflete, neste início do século XXI, a neurose da cultura de massas do século XX (Morin, 1997), num distanciamento entre a teoria e a prática da atividade.

É necessária a emergência de outros paradigmas teóricos que venham basear novas metodologias de planejamento e gestão do ecoturismo no Planeta, sob pena de esgotarem-se as possibilidades reais do desenvolvimento de um turismo sustentável.

Diante do exposto, tem-se o intuito de apresentar neste artigo algumas contribuições do paradigma transdisciplinar para o ecoturismo que resultam no processo de emergência de um outro paradigma que dá sustentação ao desenvolvimento do turismo, visto que a transdisciplinaridade é caracterizada pelo “olhar complexo”, cujos pilares que a sustentam são: a percepção dos diferentes níveis de realidade, a lógica do terceiro incluso e a complexidade.

Transdisciplinaridade

O termo “transdisciplinaridade” vem a conhecimento público em sete de março de 1986, pelo comunicado final do Colóquio organizado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (Declaração de Veneza) - A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento, realizado em Veneza.

Na referida declaração, destacou-se a

urgência de uma troca dinâmica entre as ciências “exatas”, as ciências “humanas”, a arte e a tradição. Então, o enfoque transdisciplinar seria a postura que realizaria tais trocas, sendo que o estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, aproximaria mais o ser humano do real e permitiria enfrentar melhor os diferentes desafios do século XXI.

A abordagem transdisciplinar intenta buscar a sensibilidade diante daquilo que a disciplinaridade, muitas vezes, nem sequer reconhece como existente. Contudo, apesar das limitações da disciplinaridade, decorrentes da sua tendência ao fechamento, ela é uma postura eficiente: via de regra as disciplinas avançam conquistando novos saberes. (Sonaglio, 2006).

Mas o que caracteriza a “disciplina”? Para Morin (2001), a disciplina é uma categoria dentro do conhecimento científico. Ela institui a divisão e a especialização do trabalho e responde à diversidade das áreas que as ciências abrangem. Embora inserida em um conjunto mais amplo, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação das fronteiras, da linguagem em que ela se constitui, das técnicas que é levada a elaborar e a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias.

A constante procura pela especialização separou, por exemplo, a ciência da cultura, numa tentativa de consolidar a modernidade o que distanciou o sujeito do objeto, presentes na origem da ciência moderna.

A transdisciplinaridade reconhece o valor da especialização e fragmentação, mas propõe ultrapassá-la, recompondo a unidade da cultura e encontrando o sentido inerente à vida.

A transdisciplinaridade propõe outro olhar ao que já se conhece, e ainda, uma abertura e sensibilidade para perceber o que ainda não se descobriu e que pode residir em dimensões diferentes da realidade percebida pelo ser humano.

Neste contexto, Morin (2001) indica que não basta estar “por dentro” de uma disciplina para conhecer todos os problemas referentes a ela. A abertura, portanto, é necessária.

Na palavra “transdisciplinaridade”, o prefixo “trans” diz respeito ao que está ao mesmo tempo “entre” as disciplinas, “através” das diferentes disciplinas e “além” de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento. (Nicolescu, 1999).

Segundo o Centro de Educação Trans-

disciplinar - CETRANS (2005), a transdisciplinaridade reconhece a existência de diferentes níveis de realidade regidos por lógicas distintas e admitindo um terceiro incluído. Esta visão ultrapassa o domínio das ciências por seu diálogo também, por exemplo, com a experiência espiritual.

Em tempos de pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade apresenta-se como multidimensional, considerando questões temporais e históricas, não excluindo a existência de um horizonte trans-histórico, como é relacionado na Carta de Transdisciplinaridade, adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, em novembro de 1994. (CETRANS, 2005).

Nicolescu (1999) menciona que os termos pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade surgem na metade do século XX pela necessidade de se estabelecerem vínculos entre as distintas disciplinas existentes. Foram envoltos das perspectivas pluridisciplinar e interdisciplinar que o paradigma sistêmico imprimiu sua lógica na sociedade contemporânea.

Entretanto, ainda que diante das diversas contribuições que o paradigma sistêmico vem precipitando para o planejamento turístico, como a interação entre as diversas disciplinas para uma análise mais eficiente das intervenções do turismo em ambientes frágeis, há a necessidade da emergência de outro paradigma que sustente e que promova uma gestão sustentável de fato, pois exige que se transcendam os limites enquadramentos do conhecimento disciplinar.

Por muitos anos, qual postura adotar em uma determinada pesquisa tornou-se uma problemática que demandava, por parte do pesquisador, clareza quanto às idéias de cada postura. Contudo, o importante não é apenas a idéia de pluri, inter e transdisciplinaridade. O importante é notar que é o desejo de compreender tanto mais quanto possível à realidade que conduz o investigador a uma abordagem sensível à complexidade (como é o caso da transdisciplinaridade). Uma abordagem que, no dizer de Morin (2001), tenta “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se.

O autor ensina que não se pode demolir o que as disciplinas criaram, não se pode romper todo o fechamento: é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada, ou seja, aberta no sentido de permitir possibilidades que a transcendam e fechada, no sentido de manter o ri-

gor científico no qual está alicerçada.

O paradigma transdisciplinar

O paradigma transdisciplinar pode ser entendido como um conjunto de conceitos e valores aceitos e compartilhados por uma comunidade científica imbuída do espírito transdisciplinar, ou seja, imbuída de um ideal que tenta transcender as disciplinas sem perdê-las de vista, transcender com base em certas idéias, tais como: níveis de realidade, lógica do terceiro incluso e complexidade.

A transdisciplinaridade emerge como sintetiza Sonaglio (2006):

- Em germe, na forma de um comunicado final realizado pelos participantes do Congresso “Ciência e Tradição: Perspectivas transdisciplinares para o século XXI”, realizado pela UNESCO em Paris, dezembro de 1991, que expõe o seguinte: a transdisciplinaridade não procura construir sincretismo algum entre a ciência e a tradição: a metodologia da ciência moderna é radicalmente diferente das práticas da tradição. A transdisciplinaridade procura pontos de vista a partir dos quais seja possível torná-las interativa, procura espaços de pensamento as que façam sair de sua unidade, respeitando as diferenças, apoiando-se especialmente numa nova concepção de natureza.
- Na elaboração e adoção da Carta da Transdisciplinaridade por parte de alguns pensadores, pois o “espírito transdisciplinar” teve como marco fundador a publicação oficial da Carta da Transdisciplinaridade (disponível no site <http://www.cetrans.futuro.usp.br>), composta de um breve preâmbulo e 15 (quinze) artigos. Tal carta foi adotada pelos participantes do I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade realizado no Convento de Arrábida, Portugal, de 02 a 06 de novembro de 1994.
- No empenho em sofisticar o desenvolvimento dos saberes, como exprime Nicolescu (s/d apud Paul, 2001, p. 4): Enfim, à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar suceder uma etapa superior que será transdisciplinar, que não se contentará com a obtenção de interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situará essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre essas disciplinas.
- Para D’Ambrósio (1997) a transdisciplinaridade, na sua essência, é:
 - Uma postura transcultural de respeito pelas diferenças;
 - De solidariedade na satisfação das ne-

cessidades fundamentais;

- De busca de uma convivência harmoniosa com a natureza.

Além disso, o autor acrescenta que ela não constitui uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências e muito menos, como alguns dizem, uma nova postura religiosa, tampouco, como insistem em mostrá-la, um modismo. O essencial da transdisciplinaridade reside numa postura de reconhecimento do “diferente”, onde não há espaço e tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros.

Não podendo prescindir das disciplinas, a transdisciplinaridade coloca-se, na realidade, como uma questão ética à medida que seu objetivo é eliminar o caráter alienante da especialização refletida na ciência aplicada de maneira reducionista, sem considerações de natureza ética e sociopolíticas. (Dencker, 2002).

Segundo Silva (2000), a transdisciplinaridade não prescinde, nem exclui os demais modos de interpretar o mundo. Ela apenas mostra o quanto suas lógicas são reducionistas. Se a realidade é ontológica (existe independente do domínio lingüístico do observador que a representa) e complexa (possui resistências não explicitadas a todas as disciplinas), então sua representação disciplinar é sempre reducionista, revelando apenas parte de sua complexidade e ontologia. Na medida em que os pesquisadores consigam identificar a sua contribuição disciplinar de representação da realidade, que possa ser também explicativa da complexidade de outro nível de realidade; está aí o construto do objeto transdisciplinar. Este objeto, assim como o sujeito que o concebe, é uma emergência dos diversos “níveis de realidade” e de suas “zonas de não resistência”.

Nicolescu (1999) explica “níveis de realidade” como um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais e “zona de não-resistência” como uma zona de transparência absoluta, sendo que complementa destacando que esta zona corresponde ao “sagrado”, isto é, aquilo que não se submete a nenhuma racionalização.

No tocante ao sujeito e objeto, Silva (2000) explica que eles necessitam de um terceiro elemento para dar equilíbrio e consistência ao paradigma transdisciplinar e vislumbrar seu modelo de realidade. É necessário um terceiro elemento não passível de racionalização, que permita exatamente a existência dialógica dos outros dois.

Para o autor, quando dois sujeitos ou mais conseguem reconhecer suas pertinências pelo encontro de seus “sagrados”, emer-

ge daí o que se chama de “zonas de não resistência”, onde ambos podem transitar com o mínimo esforço. Sendo que quando estas zonas se encontram em um espaço cognitivo de verticalidade simultâneo, entre os diversos níveis de realidade, diz-se que aí ficou estabelecida uma “unidade aberta” onde os sujeitos aprendem não só com a autopoiesis de o seu operar, como também com o operar do outro.

Esta idéia de terceiro elemento também é apresentada por Nicolescu (1999), que cita os três pilares da transdisciplinaridade, quais sejam:

- Os níveis de realidade,
- A lógica do terceiro incluso,
- A complexidade.

Estes pilares determinam a “metodologia da pesquisa transdisciplinar”.

Dessa forma, cumpre explicar quais as bases da transdisciplinaridade, ou seja, os “pilares” que dão sustentação e determinam a “metodologia transdisciplinar” e as características da “atitude transdisciplinar”, a fim de que se possam explicar as bases da “metodologia transdisciplinar para o planejamento e a gestão do ecoturismo” que será apresentada a seguir.

Então, a proposta metodológica para o planejamento e a gestão do ecoturismo, com base no paradigma transdisciplinar foi desenvolvida de modo que:

- Os “pilares da transdisciplinaridade” forneceram o suporte teórico que orientou ao desenvolvimento metodológico para o “planejamento do ecoturismo”, e,
- As características da “atitude transdisciplinar” forneceram o suporte teórico que orientou ao desenvolvimento metodológico para a “gestão do ecoturismo”, e;
- A união de ambos os fatores serviram de base para a elaboração da “metodologia transdisciplinar para o planejamento e gestão do ecoturismo”.

Os três pilares da transdisciplinaridade

Menciona-se neste artigo a base transdisciplinar como possibilidade para o processo de planejamento e gestão do ecoturismo, visto que tal “postura” pode contribuir com o fenômeno turístico. Portanto, segue a explicação dos 3 (três) pilares da transdisciplinaridade:

Níveis de realidade: Nicolescu (1999) define a “realidade” como o que resiste às nossas representações, descrições e imagens e “nível” como um sistema invariável à ação de certas leis, como por exemplo: os átomos, o mundo atômico, o mundo corpuscular. Desse modo, dois ní-

veis de realidade são diferentes se, ao se passar de um para o outro, há ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais.

Lógica do terceiro incluído: A “lógica do terceiro incluído” pode ser explicada, segundo Lupasco (s/d apud Nicolescu, 1999), da seguinte maneira: ela postula a existência de um terceiro tipo dinâmico antagonista, que coexiste com a lógica da homogeneização que governa a matéria física macroscópica e com a da heterogeneização que governa a matéria viva. Esse novo mecanismo dinâmico exige um estado de equilíbrio entre os pólos de uma contradição, chamado de estado T (T: terceiro incluído).

Nicolescu (1999) explica que a lógica clássica baseia-se em três princípios binários, tem-se o quadro 1.

Considerando o exposto no quadro tem-se: de acordo com a lógica clássica, que

Na concepção de Morin (1999: 334), a complexidade não “produz” nem “determina” a inteligibilidade. Pode somente incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. Incita a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e de separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a homogeneizar em categorias separadas ou de homogeneizar em indistinta totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda a realidade estudada.

Considerando que a transdisciplinaridade diz respeito ao que está “entre”, “através” e “para além” das disciplinas, torna-se evidente que um de seus pilares esteja alicerçado na complexidade. De acordo com Morin (1999) uma das ambições da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento, tendendo ao conhecimento multidimensional. A complexidade não pretende dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar e considerar suas diversas dimensões.

A atitude transdisciplinar

É de extrema relevância, além de apresentar os três pilares que determinam a metodologia da pesquisa transdisciplinar, apresentar as características essenciais de uma “atitude transdisciplinar”, posto que diz respeito ao

“agir” dos indivíduos animados pela transdisciplinaridade.

A “atitude transdisciplinar”, explica Nicolescu (1999), possui três características essenciais: o rigor, a abertura e a tolerância, e com isto abre a perspectiva metodológica citada. Estas características podem ser assim explicadas:

Rigor: diz respeito ao uso da linguagem como principal elemento mediador da dialógica ternária do transdisciplinar, podendo até se afirmar como sendo um aprofundamento do rigor científico. Entenda-se “dialógica” como duas lógicas ou dois princípios unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade; diferente do “dialético”, onde a superação dos princípios faz emergir outro.

Abertura: diz respeito à possibilidade do inesperado, do imprevisível na construção do conhecimento advindo das zonas

Lógica clássica	Lógica do terceiro incluído + níveis de realidade (transdisciplinaridade)
1. Princípio da identidade: “A” é igual a “A”.	Existe um terceiro elemento T que é ao mesmo tempo “A” e “não-A”, (ficando mais clara esta situação quando é introduzida a noção de “níveis de realidade”).
2. Princípio da não-contradição: “A” não é “não-A”.	
3. Princípio do terceiro excluído: Dados “A” e “não-A”, uma delas é verdadeira e outra é falsa. Não existe termo T (T de “terceiro incluído”) que é ao mesmo tempo “A” e “não-A”.	

Quadro 1: Princípios lógicos. Fonte: adaptado de Nicolescu (1999).

parte de um mesmo nível de realidade, a existência de um terceiro termo T, que é ao mesmo tempo A e não-A, é inconcebível.

Complexidade: Considerado como um dos três pilares da transdisciplinaridade, a complexidade diz respeito àquilo que se “inter-relaciona”, se “interliga”, se “complementa”. Sendo assim, pode-se considerar “complexos” o comportamento ou o pensamento acerca de diferentes fenômenos.

Mariotti (2000) diz que o pensamento complexo configura-se como uma nova visão de mundo, que aceita e procura entender as mudanças constantes, sem negar a contradição, a multiplicidade, a aleatoriedade e a incerteza, mas conviver com elas.

Morin (1999: 305) “explica que a noção de complexidade dificilmente pode ser conceitualizada. Por um lado, porque ela está emergindo e, por outro, porque não pode deixar de ser complexa”.

de resistência entre sujeito e objeto.

Tolerância: significa o reconhecimento e aceitação das posições contrárias (idéias e verdades), desenvolvendo a habilidade de inclusão e acolhimento integrador.

Após apresentar os três “pilares da transdisciplinaridade” e as características essenciais do que se convencionou chamar “atitude transdisciplinar”, que se consubstanciaram no “espírito transdisciplinar”, iniciar-se-á a exposição da “metodologia transdisciplinar”, em essência.

Metodologia transdisciplinar

Uma vez que o presente artigo trata do planejamento e gestão do ecoturismo e das contribuições da transdisciplinaridade neste processo, cumpre apresentar a “perspectiva transdisciplinar metodológica” (quadro 2) desenvolvida por Silva (2000, p.18).

Para Silva (2000), esta perspectiva é constituída por dimensões de realidade e de percepção, através das quais o sujeito irá construir suas zonas de transição sem resistência. Existe uma hierarquia nas di-

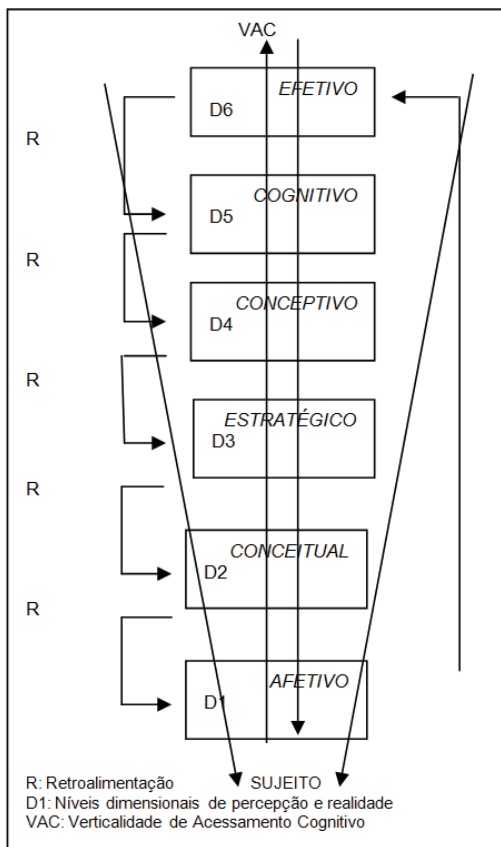
mensões, que, uma vez construídas, desaparecem. A ordem é exigida uma vez que o terceiro incluído está sempre no nível dimensional superior. A retroatividade ocorre na medida em que o sujeito ascende de uma dimensão a outra. O fechamento do ciclo, garantindo sempre a abertura de novos, acontece com a construção da relação entre a efetividade dos resultados e a afetividade das pessoas que participaram ou foram objeto da ação.

A perspectiva de Silva remete a um ponto de vista já explicitado há três séculos por Pascal (s/d apud Morin, 2001): uma vez que todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas estão presas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, assim considera-se impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.

Uma vez apresentado o esquema que ilustra a perspectiva transdisciplinar metodológica de Silva (2000), cabe explicá-lo, considerando as idéias do autor.

Dimensão Afetiva: tem sido construída através de três abordagens: a “cooperativa”, que produz um emocional voltado para o religare do sujeito com o universo, com o ambiente local e com as pessoas através de conceitos de pertinência, afinidade e solidariedade; a “estética”, para o reconhecimento da estética – feiúra e beleza – do acoplamento estrutural do sujeito com o seu ambiente através de conceitos de essência, criatividade e estética; a “cognitiva”, que trabalha o emocional pela capacidade de representação da intersubjetividade, através da técnica de construção de texto coletivo. O par de contraditórios (elementos conflitantes que emergem de uma dimensão de realidade) é representado pela disjunção entre as pessoas e o ambiente. O terceiro incluído trata de qualificar a transcendência inicial do sujeito através de um conjunto mínimo de conceitos introdutórios ao paradigma da sustentabilidade.

Dimensão Conceitual: resgata o histórico da etapa inicial da metodologia interdisciplinar, a de construção de conceitos-chave. É construída a partir de cinco conceitos operativos – biosfera, ambiente, cidadania ambiental, desenvolvimento sustentável e saúde integral – e de cinco eras históricas de resgate das relações entre a sociedade e a natureza – formação de ecossistemas, formação do ambiente, início de degradação, crise atual e era das relações sustentáveis. O par de contraditórios é dado pela disjunção entre



Quadro 2: Perspectiva transdisciplinar metodológica. Fonte: Silva (2000, p.18).

o conjunto de conceitos do paradigma da sustentabilidade e o conjunto de conceitos de cada uma das disciplinas envolvidas. O terceiro incluído se complementa com a identificação na dimensão superior, a do planejamento estratégico.

Dimensão Estratégica: composta pelas etapas de Acordo Inicial entre os diversos participantes individuais e institucionais; o Resgate Histórico do movimento de sustentabilidade; a identificação do Mandato atual normativo do novo estilo de desenvolvimento – conjunto de leis reguladoras da degradação e promotoras da sustentabilidade; a construção da Missão da equipe, criando o foco coletivo de trabalho; a elaboração do Diagnóstico Estratégico, elemento analítico fundamental para a construção da relação com o par de contraditório da dimensão anterior; a Formulação de Estratégias e a construção da Visão de Sucesso, mediante o emprego de técnicas de visualização criativa. O par de contraditórios é dado pela realidade de contraditórios revelados no diagnóstico estratégicos. O terceiro incluído é a concepção estratégica – na qual é considerado todo o produto do planejamento estratégico realizado na dimensão anterior.

Dimensão Conceptiva: é caracterizada pela Coordenação Solidária, onde o coordenador estabelece-se pela sua capacidade mediadora; pela Concepção Dimensional que acontece através da identificação de dimensões que atendam as estratégias formuladas na dimensão anterior; e o Detalhamento Fractal, que consiste na aplicação do fractal do projeto às linhas de ações, construindo assim a estrutura de acoplamento de cada ação individual e disciplinar ao espaço transdisciplinar. O par de contraditórios é dado pela tensão essencial que se estabelece entre a concepção da pesquisa formulada pela equipe e a realidade ontológica sobre a qual o projeto irá atuar. O terceiro incluído é a cognição – enquanto capacidade do sujeito de aprender com o seu próprio operar no ambiente que lhe cerca.

Dimensão Cognitiva: trata-se da produção do conhecimento das diversas linhas de ação do que se pretende. É caracterizada pelos aportes: epistêmico, pedagógico e metodológico. O par de contraditórios é uma relação de poder agregador das informações produzidas e dos conhecimentos construídos pelo que se pretende contra o poder desagregador das culturas políticas e institucionais vigentes sobre o ambiente trabalhado.

Dimensão do Efetivo: diz respeito à relação entre eficiência dos diversos fluxos de informação e consciência do processo

transdisciplinar com a eficácia de aplicação de seus resultados junto à sociedade. O par de contraditórios é dado pela relação entre eficiência e eficácia. O terceiro incluído está na emergência desta relação, que é a efetividade e encontra-se justamente na primeira dimensão, que é a afetiva.

Após a explicação das dimensões de realidade, é pertinente esclarecer o seguinte:

- O fenômeno da “retroalimentação” presente no esquema: significa a ascendência do sujeito de uma dimensão para a outra.
- O fenômeno da “verticalidade de acesamento cognitivo” também presente no esquema: refere-se a existência de um espaço vertical dentro do qual estão dispostas as diferentes dimensões de realidade e de percepção, nas quais o trânsito cognitivo do sujeito ocorre sem resistência epistêmica, conceitual e linguística.

Portanto, observa-se que, alicerçada na existência de dimensões de realidade e de percepção, das quais o sujeito irá construir suas zonas de transição sem resistência (por meio do acesamento cognitivo vertical), emerge a perspectiva transdisciplinar metodológica.

Metodologia transdisciplinar para o planejamento e a gestão do ecoturismo

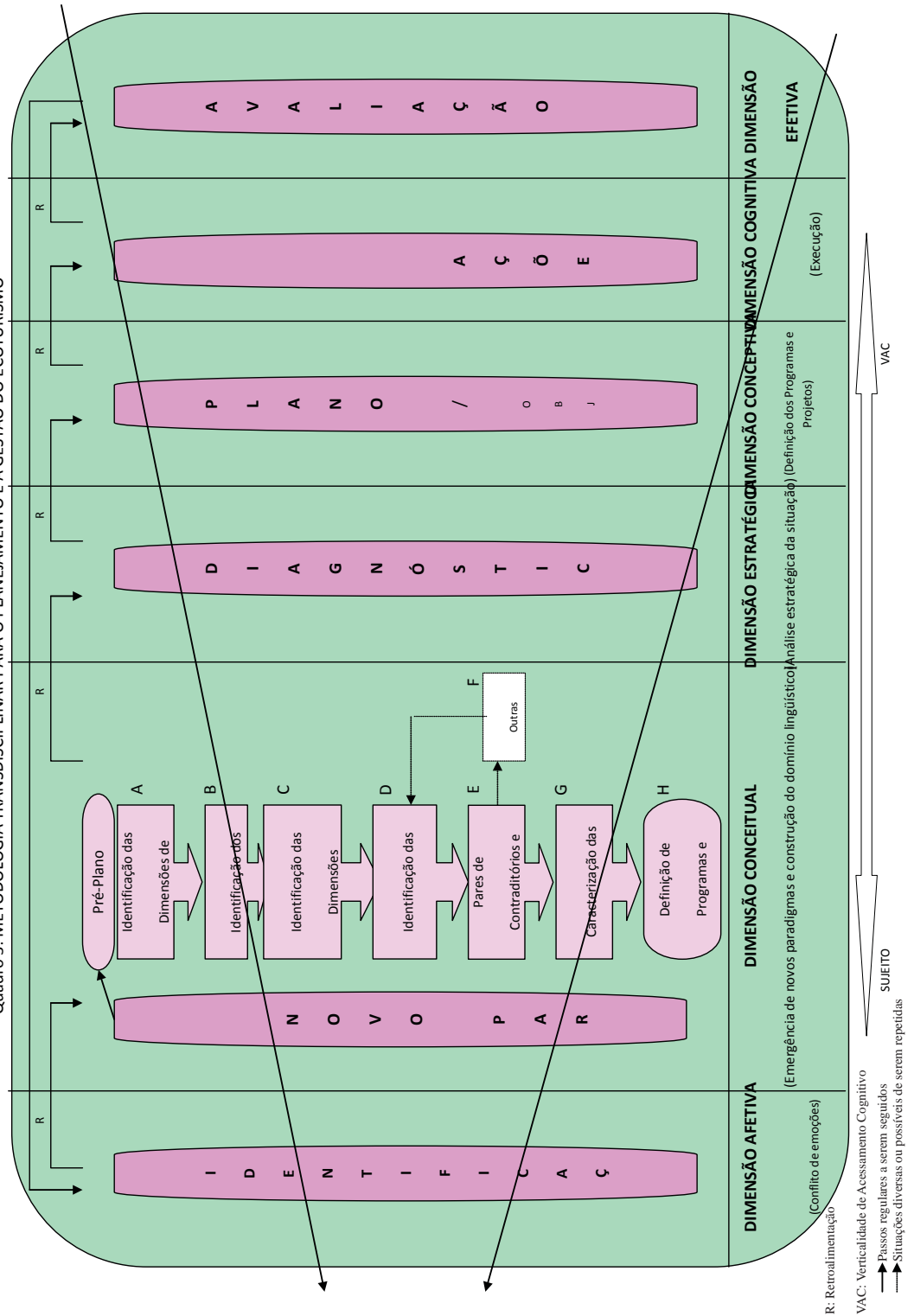
O fluxograma a ser apresentado neste item diz respeito à abordagem transdisciplinar para processo de planejamento e gestão do ecoturismo já existente (Quadro 3). Portanto, a metodologia proposta não pretende excluir as demais já existentes, e sim, contribuir ou complementar as etapas do processo a que elas já fazem referência.

Explicando a metodologia transdisciplinar para o planejamento e a gestão do ecoturismo

Esta proposta metodológica tem o intuito de estabelecer um processo transdisciplinar para as metodologias que já existem e/ou representar um complemento importante para o ecoturismo, principalmente quando ocorre em áreas naturais protegidas.

O fluxograma está composto por 6 (seis) diferentes dimensões de realidade baseados em Silva (2000). Para que se compreenda a inserção das etapas metodológicas do planejamento e gestão do ecoturismo na “perspectiva transdisciplinar metodológica” de Silva (2000), serão explicitados os níveis dimensionais de percepção e realidade em itens separadamente, a fim de contextualizar o surgimento de cada etapa

Quadro 3: metodologia transdisciplinar para o planejamento e a gestão do ecoturismo

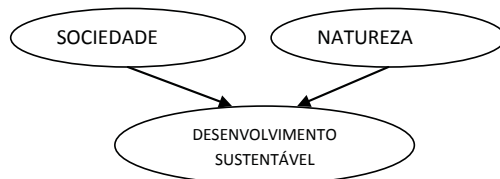


constante na metodologia aqui proposta.

Ressalta-se que cada nível dimensional de realidade e percepção é caracterizado por um par de contraditórios cuja resolução se processa com a inclusão de um terceiro elemento que se encontra em um nível imediatamente posterior, transcendendo dessa forma o conflito e culminando na emergência de um novo par de contraditórios. O processo inicia-se no nível dimensional afetivo até que se chegue ao nível efetivo, o qual retorna ao afetivo numa retroalimentação que garante a sua efetividade.

Dimensão afetiva

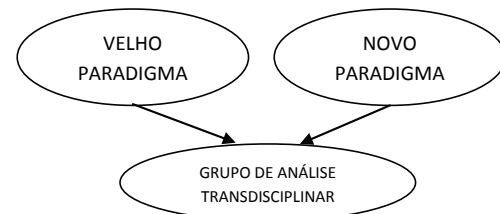
A dimensão afetiva é caracterizada pelos pares de contraditórios “sociedade” e “natureza”. O conflito se dá no campo das emoções (dimensão afetiva) em que, no âmbito do ecoturismo, o conflito se estabelece em função da dinâmica vigente no processo do ecoturismo, na qual a “sociedade” apropria-se da “natureza” num processo de degradação ambiental. O terceiro elemento incluído (da dimensão conceitual) capaz de solucionar esta problemática é o “desenvolvimento sustentável”.



Na dimensão afetiva, insere-se a etapa de “Identificação da área” natural protegida de interesse para o desenvolvimento do ecoturismo onde se verificam os conflitos (homem X natureza) já estabelecidos na região/localidade onde ela está localizada.

Dimensão conceitual

A dimensão conceitual é caracterizada pelos pares de contraditórios: “velho paradigma” e “novo paradigma”. O terceiro elemento incluído (da dimensão estratégica) capaz de solucionar esta problemática é o “grupo de análise transdisciplinar”.



O “velho e o novo paradigma” são representados pelo conjunto de conceitos e concepções acerca da sustentabilidade e o

conjunto de conceitos de cada uma das disciplinas (áreas do conhecimento) envolvidas. O “grupo de análise transdisciplinar” é o elemento capaz de solucionar o conflito, uma vez que seria um grupo composto por vários especialistas e seus respectivos universos disciplinares, reunidos, sob coordenação solidária cooperativa, à luz do que se convencionou chamar atitude transdisciplinar: o rigor, a tolerância e a abertura.

Na dimensão conceitual insere-se a etapa chamada de “Novo Paradigma”, onde se pretende construir a partir dos cinco conceitos operativos (biosfera, ambiente, cidadania ambiental, desenvolvimento sustentável e saúde integral) e das cinco eras históricas de resgate das relações entre a sociedade e natureza (formação dos ecossistemas, formação do ambiente, início da degradação, crise atual e era das relações sustentáveis) o chamado Pré-Plano (a dinâmica a ser apresentada no desenvolver desta dimensão resultará na proposição de ações que poderão objetivar o Plano (dimensão conceitual)).

O Pré-Plano é construído a partir da percepção dos diferentes atores envolvidos no processo do ecoturismo e é caracterizado pelos contraditórios “velho e novo paradigma”. Esta etapa pretende investigar as dimensões de sustentabilidade percebidas pelos indivíduos e/ou grupos, bem como os conflitos também percebidos.

Este item possui um desdobramento na proposta transdisciplinar em questão, tendo sido aplicado o teste no meio acadêmico, cujos passos seguem explicados a seguir:

- Identificação das dimensões de realidade: Abordagem transdisciplinar para a identificação das dimensões de realidade do ecoturismo.
- Identificação dos grupos: Identificação dos grupos (elementos/atores) que interagem no processo.
- Identificação das dimensões visualizadas pelos grupos: Identificados os grupos (elementos/atores) que interagem no processo do planejamento do ecoturismo, solicita-se que cada grupo (comunidade, empresários, poder público, academia, etc) identifique quais dimensões de realidade/sustentabilidade (social, econômica, ambiental, afetiva, espacial, cultural, etc) visualiza no caso da intervenção ecoturística na área.
- Identificação das problemáticas por dimensão: O grupo identifica nesta etapa, quais as problemáticas que existem, ou emergem de cada dimensão identificada por eles.
- Pares de contraditórios e terceiro incluído (das problemáticas): O grupo identifica o “par de contraditórios” e o “terceiro

elemento incluído” de cada problemática identificada em cada dimensão.

- Outras problemáticas: No caso de surgir outra problemática a partir da etapa E, retorna-se para a etapa D.
- Caracterização das problemáticas: Depois de identificados o “par de contraditórios” e o “terceiro incluído” de cada problemática, cada grupo deve reconhecer e caracterizar as problemáticas em cada dimensão (a partir destes três elementos)
- Definição de programas e projetos: Tendo completado as etapas anteriores, cada grupo deverá definir os programas e projetos necessários para cada dimensão, de acordo com as problemáticas visualizadas. Estes programas e projetos constituirão o plano ecoturístico da área a ser planejada.

Esta etapa possibilita a identificação de dimensões de realidade de acordo com o “sagrado” de cada indivíduo/grupo, o que garante a visualização da área a ser planejada, a partir de diferentes níveis de realidade e de percepção.

O ambiente deve “manifestar-se” também, porém esta é uma limitação que há na pesquisa e na metodologia transdisciplinar, pois, entender a manifestação do ambiente exige uma lógica não-humana de compreensão das “realidades ambientais”. Neste contexto, os grupos devem adotar uma postura de rigor e sensibilidade, o que pode em alguns casos, inviabilizar a atividade ecoturística em determinadas áreas. Sendo assim, esta etapa revela-se importante, uma vez que, em caráter sistêmico de planejamento do ecoturismo, uma vez existindo o potencial atrativo para o desenvolvimento da atividade e empreendedores dispostos a investir, conceber o “não planejamento” é nulo.

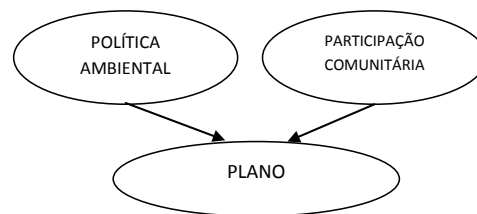
O importante, porém, nesta metodologia é a abertura ao que nos torna mais próximos da Origem; a sensibilidade, o rigor e a tolerância ao diferente. O campo da Dimensão Conceitual é caracterizado pela emergência de novos paradigmas e pelo estabelecimento do domínio lingüístico que identificará os conceitos-chave e entendimentos acerca das temáticas a partir dos envolvidos no processo.

Dimensão estratégica

A dimensão estratégica é caracterizada pelos pares de contraditórios “política ambiental” e “participação comunitária” onde o terceiro elemento incluído (da dimensão conceitual) capaz de solucionar esta problemática é o “Plano”.

A “política ambiental” e a “participação comunitária” emergem uma vez que são re-

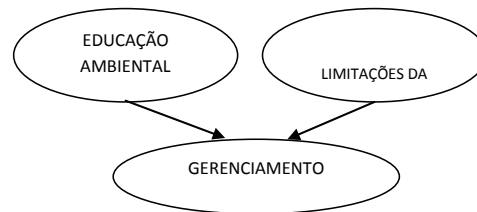
velados no diagnóstico estratégico realizado para o ecoturismo, sobretudo em áreas naturais protegidas. Para que o diagnóstico e análise realizados pelo grupo transdisciplinar obtenha resultados positivos, há a necessidade de amparos legais que salvaguardem a sustentabilidade e a sua operacionalidade. Emergem as “políticas ambientais” que devem estabelecer mecanismos eficientes de controle do uso, manejo e conservação dos recursos naturais em questão e a “participação comunitária” que é fundamental neste processo para garantir o respeito e a sustentação de tais políticas (sendo importante a representação efetiva por pessoas qualificadas ao fim proposto). O terceiro elemento é dado pelo “Plano”, uma vez que se revela como a concepção estratégica, na qual é considerado todo o produto do processo (planejamento) realizado na dimensão anterior.



Sendo assim, na dimensão estratégica insere-se a etapa chamada de “Diagnóstico/Análise” da situação da área, tanto técnica quanto empírica, por meio de ferramentas como o inventário turístico (SWOT, ou outro), Diagnóstico, Prognóstico, Zoneamento e Consultas (comunidade, ONGs, órgãos públicos, empresários e outros que se julgarem necessários para cada caso).

Dimensão conceitual

A dimensão conceitual é caracterizada pelos pares de contraditórios “educação ambiental” e “limitações da concepção” onde o terceiro elemento incluído (da dimensão cognitiva) capaz de solucionar esta problemática é o “Gerenciamento”.



O par de contraditórios é dado pela tensão essencial que se estabelece entre a concepção da pesquisa formulada pela equipe e a realidade ontológica onde o Pla-

no irá atuar. Uma vez que, no ecoturismo, os elementos da natureza e as ações da sociedade revelam-se complexos a “educação ambiental” emerge na intenção de resultados em longo prazo e as “limitações da concepção” surgem após a implantação do Plano. O terceiro incluído é o “gerenciamento” estabelecido num processo cognitivo (de aprender com o seu próprio operar no ambiente que lhe cerca) epistêmico, pedagógico e metodológico. O trabalho de discussão com a equipe atuante no processo deve se realizar constantemente, embasados nos paradigmas transdisciplinares que fundamentam a prática do ecoturismo nesta proposta metodológica. Há a necessidade de atuação pedagógica, onde os objetivos de desenvolver o conhecimento sejam permanentes tanto na equipe em ação, quanto na comunidade envolvida. Estabelecer uma metodologia de execução do Plano é fundamental para um transcorrer de acordo com os princípios da sustentabilidade.

Na dimensão conceitual insere-se, portanto, a etapa do “Plano/Objetivos e Metas”. O estabelecimento do “Plano Ecoturístico” com os objetivos e metas que o norteiam e a partir disso, estabelecer a definição de programas e projetos, selecionando-os de acordo com as ações propostas na Dimensão Conceitual, Estratégica e Conceptiva, pelos grupos integrantes no processo.

Esta etapa poderá estar alicerçada em metodologias para a sua execução como o modelo PEDs, de Silva (1998), já mencionada, ou então por outro modelo pedagógico que se apresente mais adequado para a realidade em questão, a ser definido e/ou concebido pelo “grupo de análise transdisciplinar” no momento da necessidade para a condução do processo decisório e conceitual do Plano.

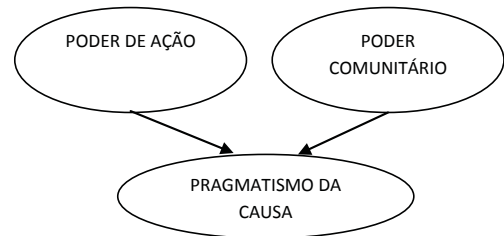
Um dos problemas existentes nas metodologias de planejamento e gestão do ecoturismo reside no fato de que o Plano, normalmente é definido e executado a partir das necessidades empresariais. Sendo assim, o aspecto econômico acentua-se em função da pressão exercida pelas empresas turísticas em obter retorno financeiro imediato.

Estabelecendo-se um Plano a partir da visualização das diferentes dimensões de realidade e percepção e das ações apontadas pelos diferentes grupos que atuarão, ou sofrerão influência do ecoturismo, fica garantido ao menos, um planejamento mais sustentável.

Dimensão cognitiva

A dimensão cognitiva é caracterizada pelos pares de contraditórios “poder de ação” e “poder comunitário” onde o terceiro elemento incluído (da dimensão efetiva)

capaz de solucionar esta problemática é o “pragmatismo da causa”.

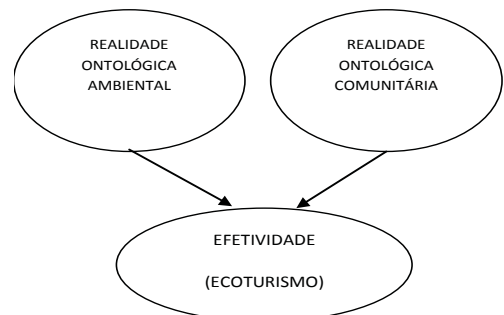


O par de contraditórios é uma relação de poder agregador das informações produzidas e dos conhecimentos construídos pelo que se pretende contra o poder desagregador das culturas políticas e institucionais vigentes sobre o ambiente trabalhado. O “poder de ação” surge como um fator favorável ao desenvolvimento do plano ecoturístico adequado e sustentável para a utilização da sociedade diretamente envolvida no processo. O “poder comunitário” surge fundamentado na educação ambiental, uma vez que a sustentabilidade depende das gerações atuais e constitui-se em uma questão complexa, pois sua aplicação exigirá mudanças na produção e no consumo, em formas de viver e de pensar. O terceiro incluído é o “pragmatismo da causa” identificando o verdadeiro com o útil, ou seja, a real utilidade da causa - (o ecoturismo).

Na dimensão cognitiva inserem-se as “Ações”, sendo o estabelecimento das ações do Plano a serem implementadas. Este item é caracterizado pela execução do Plano em si.

Dimensão efetiva

A dimensão efetiva é caracterizada pelos pares de contraditórios “realidade ontológica ambiental” e “realidade ontológica comunitária” onde o terceiro elemento incluído capaz de solucionar esta problemática é a “efetividade - ecoturismo”.



O par de contraditórios da dimensão efetiva é a efetivação do processo do ecoturismo, pois estes contraditórios encontram

transcendência retornando à dimensão “afetiva”.

Na dimensão efetiva inclui-se a etapa “Avaliação e Análise”: A avaliação e análise do Plano incluem os resultados alcançados, monitoramento, consulta aos elementos/atores que interagem no processo de planejamento e gestão do ecoturismo.

Esta ação de avaliação e análise deverá ser estabelecida de maneira continuada, sendo que está caracterizada pela verificação da validade do Plano, ou seja, sua efetividade, pois diz respeito à relação entre a eficiência dos diversos fluxos de informação e consciência no processo transdisciplinar com a eficácia de aplicação de seus resultados junto à sociedade. Uma vez que o terceiro incluído desta dimensão é justamente a efetividade (da relação entre eficiência e eficácia), este item remete à dimensão afetiva, finalizando o ciclo operacional, porém abrindo o ciclo das diversas possibilidades que poderão emergir e exigir um novo construto no processo de planejamento e gestão do ecoturismo.

Considerações finais

Via de regra, as metodologias de planejamento e gestão do ecoturismo são baseadas no paradigma sistêmico, em âmbito interdisciplinar. As metodologias existentes e utilizadas possuem, em sua maioria, o enfoque voltado ao desenvolvimento sustentado da economia como o elemento qualificador do ecoturismo, afirmando sua necessidade às áreas de interesse dos segmentos empresariais do turismo e não das populações receptoras. As comunidades receptoras e o ambiente recebem, geralmente, o fluxo de turistas em massa, movimentados pelo mercado de intenso consumo e ao esgotar o recurso que ora apresentou-se como atrativo, ficam com os danos das intervenções mal planejadas e por vezes, indesejada, sob o ponto de vista das populações locais.

O propósito deste artigo foi o de apresentar a transdisciplinaridade como alicerce das metodologias de planejamento e gestão ecoturístico, confiando que será um caminho valorizador e qualificador das relações subjetivas e sutis, tão intrínsecas ao turismo e pouco contempladas nas metodologias já existentes para o seu desenvolvimento sustentável. O olhar transdisciplinar ao ecoturismo permite evitar o reducionismo decorrente das disciplinas que o tentam explicar e/ou propor métodos para sua implementação planejada.

A metodologia transdisciplinar aplica-

da ao ecoturismo estabelecerá uma nova abordagem para esta atividade em ascensão e que possui relações com diferentes dimensões de realidade e percepção, além de garantir o rigor, a abertura e a tolerância: pilares da transdisciplinaridade.

Em essência, a proposta aqui registrada tem o intuito de abrir a discussão para outro modo de conduzir o planejamento e gestão do ecoturismo, tendo em vista as diferentes dimensões de realidade e de percepção manifestas no desenvolver das ações necessárias no processo, privilegiando o diálogo entre o “sagrado” dos atores envolvidos e as diversas disciplinas científicas; tal diálogo determinará o processo cognitivo que fundamentará, assim, o planejamento e a gestão do ecoturismo.

Referências

- CETRANS.
2005. *Centro de educação transdisciplinar*. Disponível em: < <http://www.cetrans.futuro.usp.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2005.
- D'Ambrosio, U.
1997. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena.
- Dencker, A. F. M.
2002. *Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior: Uma experiência no curso de turismo*. São Paulo: Aleph.
- Mariotti, H.
2000. *As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Palas Athena.
- Morin, E.
2001. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
1999. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
1997. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Nicolescu, B.
1999. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- Paul, P.
2001. *Os diferentes níveis de realidade entre ciência e tradição*. Disponível em <http://www.cetrans.futuro.usp.br/diferentes_niveis.html>. Acesso em: 6 jun. 2001.
- Silva, Daniel J.
2000. *O paradigma transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental*. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental da UFSC.

Sonaglio, K. E.
2006. *A transdisciplinaridade no processo de planejamento e gestão do ecoturismo em Unidades de Conservação*. Tese de Doutorado (Doutorado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, UFSC, Florianópolis.

Recibido: 04/03/09
Reenviado: 10/06/10
Aceptado: 16/06/10
Sometido a evaluación por pares anónimos